

COMUNICAÇÃO VIRTUAL E ACERVOS DIGITAIS PARA INSTRUMENTALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO CRÍTICA

GABRIELLE REIS FERREIRA¹; ISABELLA ALVES GUIMARÃES²; LOREDANA
RIBEIRO³

¹Universidade Federal de Pelotas – bibilelis18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bellaguimaraes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – loredana.ribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa se refere à produção de narrativas verbo-visuais (imagens e palavras, montagens, memes, etc.), imagens digitais e linguagens virtuais (OLIVEIRA, 2017) para a produção de um vídeo-ensaio, 'A igualdade é branca', sobre branquitude incluindo o discurso da democracia racial, meritocracia, negação do racismo, estereotipização de corpos negros e indígenas, miscigenação através do estupro e genocídio, invasão de territórios, populações africanas, privilégios e inúmeros outros problemas (<https://www.youtube.com/watch?v=nFnDG4yzVqU>).

Essa pesquisa está vinculada ao projeto 'Diferença colonial e crítica feminista na teoria e prática da ciência' que é sustentado pela leitura, discussão e produção bibliográfica que aborda criticamente a ciência e o pensamento moderno dicotômico. Um dos objetivos do projeto é estimular o entrosamento entre pesquisa e extensão, justificando a parceria com o projeto de extensão AMAA (Acervo Multimídia de Arqueologia e Antropologia) que parte de uma avaliação crítica dos silenciamentos de gênero, sexualidade, raça/etnia e classe na produção acadêmica para elaborar materiais paradigmáticos voltado a Educação Básica. Assim, a pesquisa de iniciação científica conjuga divulgação e apoio à educação crítica através de narrativas antropológicas e arqueológicas, disponibilizando materiais de apoio através de um portal de internet (www.amaacervos.com.br) e também na rede do Instagram e página do Facebook (@amaacervos).

2. METODOLOGIA

Durante os meses de pesquisa as funções foram divididas em duas: assistente de produção e pesquisa de imagens; e comunicação virtual. Apesar de as duas funções estarem conectadas, cada uma possuía sua particularidade no roteiro e nos projetos. Todavia, durante todos os meses de pesquisa o foco e a reflexão crítica prioritária foram sobre como é pensada a estrutura dicotômica hierárquica da ciência moderna e em como transformar esse pensamento colonial, classista, racista, heterossexual, burguês e sexista através de intervenções feministas descoloniais e contra-hegemônicas voltadas à educação libertária e crítica.

No trabalho de assistente de produção e pesquisadora de imagens, a responsabilidade era de buscar conteúdos midiáticos e fazer o contato necessário com os e as artistas. As pesquisas de imagens, duraram meses, já que, como o vídeo produzido é sem fins lucrativos, era necessário ir atrás de imagens gratuitas e com licenças que permitissem a cópia e o compartilhamento com menos restrições em relação aos direitos autorais. Nas buscas foram utilizados os bancos de imagens gratuitos, como: Flickr, Pexels, Pikist, Nappy e Pixabay; a ferramenta Creative

Commons do Google, e os sites de instituições e acervos: Museu Itaú Cultural, Museu Paraense Emílio Goeldi, Acervo MAE USP, Museums Victoria, Arquivo Nacional do Brasil, Instituto Moreira Salles, Museu Histórico Nacional e Biblioteca Nacional.

Em situações de músicas, imagens, charges e vídeos selecionados com os direitos reservados aos autores e autoras, enviamos pedidos de autorizações separadamente para cada artista; solicitando o direito de uso da imagem/audiovisual e explicando que era para uso de um vídeo-ensaio sem fins lucrativos.

A busca das narrativas verbo-visuais se resumiram em: memes; imagens de protestos denunciando o racismo contra indígenas e pessoas negras; charges e imagens históricas; imagens de caravelas, bandeirantes, vestuário grego e iconografia do colonialismo na América e na África; imagens da conquista espiritual; exemplos de pessoas excluídas pela branquitude; imagens de cerâmica arqueológica Tapajônica, urna guarita, travessa e manto tupinambá; imagens de urnas funerárias, das festas indígenas atuais e peças arqueológicas; ilustrações de conquistas coloniais, auto-representação da aristocracia e burguesia europeia dos séculos XVI ao XIX, guerra de canudos; desenhos e plantas dos quilombos; conteúdo de descrição anatômica humana, trilha sonora de rap sobre feminismo negro; charges históricas sobre o ‘fardo do homem branco’; imagens de projeção de cores em estátuas gregas em museus da Europa; fotografias, charges e desenhos de Saartjie Baartman; gravuras rupestres da ilha de martírios; imagens das ruínas do zimbabwe e dos sítios arqueológicos monumentais amazônicos; fotografias das igrejas subterrâneas de Lalibela, pirâmides Maias, Incas, do Egito e Sudão; manchetes de jornais sobre esterilização forçada, racismo ambiental, violência urbana, conflito de garimpeiros e madeireiros com indígenas e quilombolas, entre vários outros assuntos sociais.

Além de todo trabalho com a busca do conteúdo digital, foi elaborado um calendário de publicações nas redes sociais do AMAA (@amaacervos), com o intuito de publicar as novidades relacionadas ao vídeo-ensaio, ou seja, fazer os algoritmos das redes trabalharem ao nosso favor em busca do engajamento e compartilhamento da educação crítica e divulgação científica. Os posts foram feitos em horários estratégicos das redes, ou seja, o período onde as pessoas seguidoras estavam mais ativas dentro das plataformas, todavia, esses horários variavam de acordo com os dias da semana.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O vídeo-ensaio foi lançado em abril no canal do Youtube do projeto AMAA, foi postado também no site do projeto e divulgado nas plataformas das redes sociais (@amaacervos). Em maio saíram duas versões com acessibilidade comunicacional, uma com audiodescrição e a outra com legenda descritiva. E até o momento no canal do Youtube a produção audiovisual consta com mais de 1.300 visualizações.

Na coleta das narrativas verbo-visuais, foram acumuladas mais de 600 imagens e notícias relacionadas à temática do vídeo-ensaio sobre branquitude; entretanto, não foi selecionado todo esse conteúdo pesquisado, e a partir disso foi criado um banco de dados com todas essas imagens para buscas futuras. Toda a organização durante e após a publicação do vídeo, gerou um acervo de imagens com temáticas sobre feminismos, gênero, raça/etnia, sexualidade, classe, desigualdade e outros possíveis indicadores de relações de opressão, que estão interligados a arqueologia e antropologia, possibilitando uma consulta na produção dos futuros vídeos, e também para uso de criação de conteúdos nas próprias redes sociais do

projetos, aproveitando que os direitos autorais das imagens arquivadas estão liberadas pois o compartilhamento não tem fins lucrativos.

Durante as pesquisas e a montagem desse banco de imagens, ficou nítido em como os algoritmos podem ser opressores, reproduzindo estereótipos a respeito de gênero e raça/etnia (CARRERA; CARVALHO, 2020); e em como essas imagens circulam nos meios midiáticos e digitais com naturalidade. Para lidar com isso foi necessário redobrar a atenção nas buscas de imagens, certificando que corpos não normativos e diversos fossem representados no trabalho.

4. CONCLUSÕES

Todo trabalho relacionado a pesquisa de materiais para o vídeo-ensaio e também a produção de conteúdos digitais para as redes sociais, foi de extrema importância para entender como funcionam as mídias sociais. Muitas vezes as pessoas pegam imagens do Google e reproduzem sem nem compreender que direitos autorais estão sendo feridos; direitos esses que são protegidos pela Lei nº 9.610/98, a qual certifica proteção moral e patrimonial as autoras e autores de obras intelectuais (fotografia, textos, músicas, ilustrações, etc.).

Como falado anteriormente o vídeo-ensaio já foi publicado nas devidas plataformas e teve apoio financeiro do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e uma parceria entre o projeto 'Diferença colonial e crítica feminista na teoria e prática da ciência' sendo de pesquisa e o 'Acervo Multimídia de Arqueologia e Antropologia (AMAA)' sendo de extensão. Apesar de serem dois projetos diferentes, eles estão conectados, pois, o fundamento de ambos é bem parecido por ter o foco em educação crítica, gênero, raça/etnia, interpretações acerca do passado de uma visão não-branca e outras questões.

É notória a importância de levar as pesquisas de dentro da universidade para a comunidade; e essa colaboração desses projetos, permite que isso seja feito em uma escala maior devido à internet. Em períodos não pandêmicos, era feito o 'AMAA vai às escolas', onde as questões que envolvem os projetos eram debatidas em sala de aula. Hoje, na situação da pandemia do novo coronavírus, o trabalho está sendo feito pela internet, pelas plataformas disponíveis ao compartilhamento de saberes, para que o conhecimento chegue a várias pessoas através de um simples clique. Entretanto, esse universo digital, que permite que informações educativas sejam levadas as pessoas, ainda é um privilégio. Nesse sentido, esses dois projetos citados têm por vocação a difusão, socialização e o compartilhamento de saberes, vivências e pesquisas, de modo a favorecer a apropriação crítica desses conhecimentos, evidenciando o lugar da dúvida e dos questionamentos sobre as identidades, os ambientes, a cultura material e o patrimônio

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. *Galaxia* (São Paulo, *online*), ISSN 1982-2553, n. 43, jan-abr, 2020, p. 99-114.

OLIVEIRA, Priscila Chagas. INTERFACES DA MEMÓRIA SOCIAL: análise do compartilhamento do conjunto de imagens digitais do Acervo Digital Bar Ocidente no

Facebook. 2017. 146f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.